

COISAS DO NORDESTE

O Sonho do Marroeiro Tabirua'

Por THIA GO G. DE OLIVEIRA

João Tabirua nasceu em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, na divisa com a minha cabocla Paraíba e o Ceará da Dna. Rachel.

Era, o nosso amigo, de compleição atlética, o tipo acabado do sertanejo másculo e rude. Nunca jamais aprendera nada de útil a si ou ao grande organismo social, de que era ele uma espécie de célula anucleada, além do sofrimento, que o havia de acompanhar "do berço ao túmulo"...

O coitado apenas nascera para sofrer.

Em se o dizendo nordestino pobre, parece termos dito tudo, inclusive sofredor, pária e que sei mais. Do contrário, estaríamos empregando um pleonasmo. Seja como for, porém, naquela alma de marroeiro profundamente melancólico, ainda existia esperança, esperança de pobre, é certo, mas sempre esperança; e como esta, mesmo num deserto da existência humana, ainda é Oásis, nas entranhas daquela alma forjada quase que só para as sensaborias da vida, ainda ela demonstrava resquícios de otimismo que poderíamos dizer traduzido em sonhos, como são os sonhos dos infelizes, dos poetas...

O seu sonho-mór, entretanto, era ser alguém, fôsse lá o que diabo fôsse, longe da sua terra ingrata, distante dos pagos mortificadores. Não vemos nada mais justo! Mas, mal sabia o nosso boiadeiro que, neste mundo de ilusões, quando se sonha muito, pouco ou nada se alcança...

As vezes, o homem nos contava de suas aspirações, que a

gente via que eram impossíveis. Era sonho demais para uma só existência, obscura ao extremo. Se sonhando pouco, muito dificilmente se conseguia algo, quanto mais em situações como a dele, em que o destino começa a chicotear o "cabra", dando-lhe arrocho, como quem está imprensando lá para fazer fardo.

Mas, que fazer, se Tabirua era difícil de compreender e, mais difícil ainda, de demover? Quantos o aconselhavam a mudar de idéia, dizendo-lhe: "mas, homem, se você tivesse nascido no Sul do País, onde as coisas são mais fáceis, estava tudo muito certo. Logo, não vê que nasceu cabeça chata, e, ainda por cima, pobre; nasceu neste sertão onde se fica feito seriema, com o pescoço comprido e fino de tanto se espiar para o infinito pedindo chuva a Deus?". E ele nada! "Vá aquietar-se, homem de meus pecados; bote um roçado, nem que seja de meia dúzia de pés de maniva, arme uma arapuca para pegar uns galos de campina, faça gaiola de tala de coqueiro ou carnaúba, bote tudo dentro e vá vender na feira. Depois, com o dinheiro, compre o seu punhado de farinha e meia rapadura e dane-se a comer no rancho, de papo p'ro ar, ouvindo, à tarde, os cantos da Asa Branca e do Tétéo, que é bem melhor".

— "Qui rôçado, qui galu di campina, qui sofreu, qui nada! Di sófrê já baxta eu mais tú... pois, tú não vê que não nasci p'rá sê sêrtanejo, nem matuto, nem capanga de sinhô di engenho; nem qui fôsse p'rá sê cangacêro eu ia embora".

Assim era o papa-gerimum,

nada o fazia retroceder, ninguém mudava a sua opinião, dizia mesmo que só temia os castigos de Deus (trovão, chuva de pedra e raio)...

Nem o puxado (a asma), que tinha e que não sabemos como conseguiu penetrar naquele peito de aço de potiguar, tapuia ou cariri, nem êsse terrível suplício o acabrunhava. Era mesmo um espartano e um irredutível! Nem a sua mãe (e as mães do Nordeste são adoradas pelos filhos com o cérebro, coração e alma. E dizem que o coração de mãe faz milagre, comovendo até os loucos) nem a sua mãe conseguiu tocar ao sentimento do Jequitibá sertanejo. O bicho nem parecia ter sangue de índio nas veias: coração e opinião igualmente irredutíveis e petrificados.

Todo o mundo falava e não adiantava nada.

"Imaginem", dizia o moleque Adijar (ainda me lembro tão bem do negrinho) — "êsse cabra não vai ter bôa sorte, não. Quer sair pelo mundo sem saber nada; como marroeiro. Ele come, nas fazendas, queijo de manteiga e coalhada escurrida; acnde ele vai é capaz de não encontrar nem xibê ou jabá p'rá matar a fome..."

Outros já atalhavam: "Que nada, negro, você não se lembra do filho de seu Cazuzza da tenda? Aquilo era lá gente? Pois sim, saiu daqui, foi p'ro Recife, depois para o Rio de Janeiro e hoje é Tenente em São Paulo; aqui é que ninguém vai p'rá frente."

"Garanto que é da polícia, e assim mesmo p'rá chegar nesse ponto comeu pão que o dia-

bo amassou com os pés", respondeu outro.

— E o quê, homem? Ele é do Exército, do nosso querido Exército, que um dia eu tenho que morrer por ele, brigando feito Zé Pequeno, que morreu naquele fogo do Serrote Preto, quando atacaram Lampeão... E dêsse jeito ia a maledicência sobre Tabirua, que, no outro dia, embarcou para o Rio de Janeiro. Não pegou um ITA no norte, mas pegou um caminho, levou quase um mês para chegar e quase morreu de tanto "lançar". Ele só era habituado a andar em carro de bois e Jegue, por isso foi que enjoou tanto; marroeiro é marroeiro... No Rio de Janeiro, foi comer num restaurante. Comeu três pratos sem parar. O "garçon", assombrado com o apetite do rapaz, perguntou-lhe, para ver se parava: "O senhor não aceita um copo d'água?"

Respondeu-lhe Tabirua: — "Mode qui não, seu moço, eu aprecio muito a água na refeição mas só do meio p'ro fim..."

Nesse mesmo dia, foi para Minas Gerais, e hoje, para minha surpresa, diz-me uma carta dum amigo, do Rio Grande do Norte, que Tabirua falecera como empregado de uma

Prefeitura no Sul de Minas Gerais, e os seus restos mortais tinham sido transportados para a última morada, num carro de bois. Aí foi que vi que o homem realizou o grande sonho, pelo menos morreu como nasceu: marroeiro sempre...

Mas, não deixou de ser um predestinado, porque marroeiro ele podia ser no Nordeste, e, quando fôsse para a Eternidade, o seu corpo inerte de caboclo bronzeado e cabelo muito bom, ainda teria mais uma vantagem: iria se balançando numa rede que lhe serviu de berço...

Agora, pergunto eu, feito o Dr. Gilberto Freyre: "Para que tanta lida, para tão pouca vida"?

Fiquemos, pois, onde nascemos. Nada adianta abandonarmos nossos pais, nossa gente, para sairmos à procura de aventuras, porque, na verdade, vencem na vida os homens que lutam e não os que andam mais. Napoleão andou demais para morrer numa ilha; Alexandre não conseguiu colher todos os louros de suas vitoriosas jornadas...

E, no entanto, chegou a atravessar desertos e cortar nós górdios!...